

JORNAL DE BRASÍLIA

TRIBUNA DA CIDADE

EURÍPEDES CAMARGO

Pela melhoria dos serviços públicos

A cada dia, torna-se mais dramática a situação dos serviços públicos, notadamente nas áreas de educação e saúde. No setor saúde, em especial, o quadro é caótico: faltam medicamentos básicos, equipamentos e recursos humanos em todas unidades da Fundação Hospitalar do Distrito Federal. Os baixos salários pagos pelo GDF afastam os profissionais da instituição e forçam as diversas categorias a recorrerem constantemente à greve, a exemplo do que está ocorrendo neste momento com os médicos.

Sobre a greve da categoria médica, a consideramos plenamente justificável. Um médico na primeira referência, por uma jornada de trabalho de 20 horas, recebe hoje um salário em torno de Cr\$ 2 milhões e 800 mil. Sabemos que o custo da cesta básica ultrapassa em muito este valor. Com um salário tão irrisório, é natural que nenhum profissional se interesse em ingressar na Fundação e que os atuais servidores busquem outras alternativas no mercado de trabalho, partindo quase sempre para a iniciativa privada.

Forma-se assim um círculo vicioso: sem profissionais, o atendimento é cada vez mais precário, a população padece nas filas sem a certeza de ver seus problemas resolvidos e deteriora-se irremedavelmente a qualidade dos serviços.

A impressão que se tem é que o Estado quer livrar-se desse enorme "peso", que é a responsabilidade pelo atendimento à saúde. Se até há algum tempo nos queixávamos da

ausência de uma política de saúde preventiva, hoje nos preparamos com a total falência de saúde curativa, o que torna absolutamente sombrias as perspectivas de mudanças positivas no setor.

"É hora de o GDF partir para ações concretas, esforçando-se para

resolver a questão salarial dos servidores da FHDF"

Ainda nesta semana, critiquei na tribuna da Câmara Legislativa a política de atendimento centralizadora e discriminatória adotada pela Secretaria de Saúde. Na ocasião, citei o caso de uma paciente residente em Ceilândia, que necessitava fazer uma tomografia computadorizada e procurou o Hospital de Base, único centro médico da rede pública que dispõe do aparelho para o referido exame. No hospital, a paciente foi informada de que o atendimento não seria possível porque ela não pertence à região administrativa do Plano Piloto.

Assim, de acordo com a política de atendimento praticada pela Secretaria — centralizando a tecnologia no Plano Piloto —, grande parte da população carente do DF, aquela que realmente necessita do sistema público de saúde, se vê ignorada, sem direito à utilização dos serviços e equipamentos, apesar de pagar indiretamente por eles.

Em nossa opinião, é hora de o GDF partir para ações concretas. Em primeiro lugar, esforçando-se para resolver a questão salarial dos servidores da FHDF e, num segundo momento, priorizando a implantação de uma política de saúde eficaz, que não se baseie em estatísticas sobre o número de atendimentos prestados pela rede, mas na qualidade desse atendimento.

Recentemente, o próprio secretário de Saúde afirmou em entrevista a um programa de rádio da cidade que realmente o número de médicos diminuiu, mas que o número de consultas aumentou em mais de 1 mil. Esse fato não é motivo para que o presidente da FHDF sinta-se orgulhoso; pelo contrário, comprova definitivamente uma artimanha que resulta apenas na deterioração do atendimento. A política da FHDF seria, assim, atender em série, sem preocupar-se com a qualidade dos serviços.

■ Eurípedes Camargo é deputado distrital pelo PT



"É hora de o GDF partir para ações concretas, esforçando-se para